

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES



# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão

---

*Textos*

---

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



# Índice

- 15 Editorial  
José Morais Arnaud
- 1. Historiografia**
- 19 Arqueólogos Portugueses  
Jacinta Bugalhão
- 33 A arqueologia nacional: valores de referência  
Gertrudes Branco
- 41 De Chão de Minas (Loures) a Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa):  
Breve balanço de um ciclo de vida em estudos Pré-Históricos  
Vitor Oliveira Jorge
- 51 A emergência da arqueologia processual em Portugal: a teoria e o método  
(1968-2000). Uma introdução  
Daniel Carvalho / Mariana Diniz
- 63 Francisco António Rodrigues de Gusmão: a Arqueologia, a Epigrafia e o Património  
Pedro Marques
- 75 História das investigações dos hipogeus em Portugal  
Cátia Saque Delicado
- 87 «Porque havemos de deixar nas mãos de especialistas estrangeiros perspectivas que  
tanto nos dizem respeito?». A colaboração arqueológica internacional no Portugal  
dos anos 50-60 do século XX: tradições, inovações e contradições  
Ana Cristina Martins
- 2. Estudo e valorização**
- 101 Musealização do sítio arqueológico da Foz do Enxarrique: do projeto à obra feita  
Luís Raposo / Mário Benjamim
- 113 Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu):  
objetivos e primeiros resultados  
Manuel Luís Real / António Faustino Carvalho / Catarina Tente
- 125 Castro de Guifões (Matosinhos) – das primeiras notícias aos resultados  
preliminares de um projecto de investigação  
Andreia Arezes / José Manuel Varela
- 137 O projeto Castr'uíma (Vila Nova de Gaia, 2010-2015): elementos e reflexões para  
um balanço prospetivo  
António Manuel S. P. Silva / J. A. Gonçalves Guimarães / Filipe M. S. Pinto / Laura Sousa /  
Joana Leite / Paulo Lemos / Pedro Pereira / Maria de Fátima Teixeira
- 155 São Salvador do Mundo – o estado da arte!  
André Donas-Botto
- 161 Mértola na Idade do Ferro: primeiros resultados de dois projectos de investigação  
Francisco José García Fernández / Pedro Albuquerque / Maria de Fátima Palma
- 171 Estado atual do conhecimento acerca do povoamento em época romana na Amadora  
Gisela Encarnação / Vanessa Dias

- 185 Arqueologia urbana no concelho de Loures  
Alexandre Varanda
- 195 19 anos de Arqueologia urbana em Machico, Região Autónoma da Madeira  
Isabel Paulina Sardinha de Gouveia / Élvio Duarte Martins Sousa

### **3. Gestão e salvaguarda**

- 209 Paisagens e patrimónios no concelho de Loures: reflexões sobre uma experiência de comunicação em arqueologia, património e história local  
Florbela Estêvão
- 215 Para além da gestão patrimonial: uma nova relação da arqueologia com o território  
Luiz Oosterbeek / Anabela Pereira / Davide Delfino / Elaine Ignácio / Henrique Mourão / Maria Nicoli / Marian Helen Rodrigues / Nelson Almeida / Pierluigi Rosina / Rita Anastácio / Pedro Cura / Sara Cura / Sara Garcês
- 227 A memória como ferramenta de pesquisa e investigação arqueológica  
Alexandra Figueiredo / Ricardo Lopes / Sónia Simões / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira
- 237 A apropriação dos vestígios arqueológicos por parte das comunidades modernas e contemporâneas  
Alexandra Vieira
- 249 Acompanhamento arqueológico em Lisboa – lei, des(ordem) e procrastinação  
Alexandre Sarrazola
- 259 Acompanhamento arqueológico e método. Contributo para o seu enquadramento legal  
Iva João Teles Botelho
- 273 Intervenção arqueológica na Avenida dos Aliados, Porto. O Bairro do Laranjal  
Luís Filipe Coutinho Gomes / Iva Botelho / João André Perpétuo
- 287 Gestão do património arqueológico em intervenções de minimização e salvaguarda  
Leonor Rocha / Gertrudes Branco

### **4. Pré-História**

- 295 O crânio humano Acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira  
Joan Daura / Montserrat Sanz / Juan Luis Arsuaga / Rolf Quam / Dirk L. Hoffmann / Maria Cruz Ortega / Elena Santos / Sandra Gómez / Ángel Rubio / Lucia Villaescusa / Pedro Souto / Filipa Rodrigues / João Maurício / Artur Ferreira / Paulo Godinho / Erik Trinkaus / João Zilhão
- 303 Ocupações Pleistocénicas da margem esquerda do Baixo Minho (Miño/Minho 2).  
Objetivos e primeiros resultados de um projeto transfronteiriço  
João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Alberto Gomes / Eduardo Méndez-Quintas / José Meireles / Alfredo Pérez-González / Manuel Santonja
- 319 Estudo tecnológico de três sítios do Paleolítico médio do centro de Portugal:  
Ribeira da Ponte da Pedra, Santa Cita e Lagoa do Bando  
Sara Cura / Antonella Pedernana / Pedro Cura / Luiz Oosterbeek / Gabriele Luigi Francesco Berruti / Pedro Peça / Rosa Linda Graziano
- 331 O Paleolítico médio de S. Julião da Barra: a indústria lítica dos depósitos  
flúvio-marinhos intervencionados no âmbito da construção do campus  
universitário de Carcavelos  
João Luís Cardoso / Pedro Peça / Raquel Santos
- 341 As indústrias Paleolíticas do Baixo Guadiana: perspetivas para uma investigação  
futura a partir das recolhas de Abel Viana  
Luís Gomes / Alexandre Varanda

- 357 A sequência estratigráfica da Lapa dos Coelhoos: funcionalidade e subsistência ao longo do Pleistocénico superior no sopé da Serra de Aire (Portugal)  
Cristina Gameiro / Simon Davis / Francisco Almeida
- 375 O início do último máximo glacial no Sul de Portugal: novos dados a partir do sítio arqueológico de Vale Boi  
Joana Belmiro / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 385 Sobre a definição e interpretação das tecnologias líticas bipolares em contextos pré-históricos  
Pedro Horta / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 393 Abrigo da Buraca da Moira, Leiria: resultados preliminares do projeto Ecoplis  
David Nora / Joana Pereira / Patrícia Monteiro / Eduardo Paixão / Sandra Assis / Marina Évora / Carlos Duarte / João Marreiros / Vânia Carvalho / Trenton Holliday / Telmo Pereira
- 403 Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o tardiglacial e o pré-boreal no Vale do Côa  
Thierry Aubry / Cristina Gameiro / André Santos / Luís Luís
- 419 Reconstruir atividades humanas e formação de contextos conquíferos: microfácies sedimentares do Cabeço da Amoreira (Muge) e das Poças de São Bento (Sado) e o seu potencial interpretativo nos padrões de comportamento humano no Mesolítico  
Carlos Duarte / Ana M. Costa / Vera Aldeias
- 433 Líticos em contexto – tecno-tipologia e distribuição espacial no concheiro mesolítico de Poças de S. Bento (Alcácer do Sal)  
Diana Nukushina / Mariana Diniz / Pablo Arias
- 447 Arqueotematologia e coleções museológicas: estratégias e desafios para o estudo das práticas funerárias do passado  
Rita Peyroteo-Stjerna
- 461 Fossas, fornos ou silos? O contributo do Barranco da Horta do Almada 1 (Beja) para a definição cronológica e funcional das estruturas negativas Mesolíticas e Neolíticas  
Ana Rosa / Mariana Diniz
- 467 Para uma periodização da Pré-História recente do Norte de Portugal: da segunda metade do 4<sup>o</sup> milénio aos finais do 3<sup>o</sup> milénio aC  
Susana Soares Lopes / Ana M. S. Bettencourt
- 489 A gestão do sílex durante o Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)  
Henrique Matias / César Neves
- 505 Tumulações da Pré-História recente do Centro/Norte litoral: o caso das Mamoas do Taco (Albergaria-a-Velha)  
Pedro Sobral de Carvalho
- 519 Anta da Casa da Moura: um monumento megalítico no maciço calcário de Sicó  
Fernando Silva / António Monteiro / Gertrudes Branco / Leonor Rocha
- 529 A arqueologia aérea: métodos e técnicas para a observação de dólmenes. O caso de Mora e Arraiolos  
Arielle Câmara / Leonor Rocha / Teresa Batista
- 541 Intervenção arqueológica no projecto de “Recuperação e valorização da Anta do Carrascal” (Aigualva, Sintra)  
Patrícia Jordão / Pedro Mendes / Cláudia Relvado
- 557 O uso do crânio em rituais da Pré-História  
Carlos Didelet

- 563 Novos dados sobre as ocupações Neolíticas do centro de Lisboa  
Helena Reis / Tiago do Pereiro / Nelson Cabaço / Rui Ramos / António Valera
- 575 As galerias de mineração de sílex de Campolide e o seu contexto Europeu.  
Comparações e análise  
Eva Leitão / Carlos Didelet / Guilherme Cardoso
- 581 O povoamento Neolítico em Avis: uma análise preliminar dos dados  
disponíveis  
Ana Cristina Ribeiro
- 591 Vila Nova de São Pedro (Azambuja), no 3º milénio, um sítio Calcolítico  
no ocidente peninsular – contributos para um debate  
Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 605 A ocupação humana do III milénio a.C. do Cabeço da Ervideira (Alcobaça)  
João Pedro Vicente Tereso / Rita Gaspar / Cláudia Oliveira
- 619 O conjunto de pedra lascada da Ota: questões tecnológicas e socioeconómicas  
Ana Catarina Basílio / André Texugo Lopes
- 631 “TO com cachet”: as eventuais cabanas subterrâneas do recinto de fossos  
do Porto Torrão  
Filipa Rodrigues
- 647 Potes para os mortos: ritual funerário e tecnologia cerâmica em contexto megalítico  
Nuno Inácio
- 661 Os componentes de tear no Castelo de Pavia  
Liliana Teles / Leonor Rocha
- 671 Reflexão acerca dos cossoiros e da fiação nos contextos calcolíticos do Sudoeste  
da Península Ibérica, partindo do sítio de São Pedro (Redondo)  
Catarina Costeira
- 687 Broken Arrow: as pontas de seta dos povoados de São Pedro (Redondo,  
Alentejo central)  
Rui Mataloto / Diana Nukushina / Catarina Costeira
- 705 A pedra lascada nos *tholoi* do baixo Alentejo interior: notas preliminares  
de casos de estudo  
Ricardo Russo / Ana Catarina Sousa
- 723 Exploração de recursos aquáticos no final do Neolítico e Calcolítico: breve  
revisão do registo faunístico  
Sónia Gabriel / Cláudia Costa
- 741 Contributos para o conhecimento da componente animal dos recintos  
de fossos calcolíticos. A fauna vertebrada de Montoito 2  
Cláudia Costa / Rui Mataloto
- 753 Entre vales e escarpas. Estudo da fauna recuperada na Lapa da Mouração  
(Porto de Mós, Leiria)  
Ana Beatriz Santos / Cátia Saque Delicado
- 765 Reconstrução paleoambiental da margem Norte do rio Tejo através da análise  
*multiproxy* de sedimentos recolhidos em contexto de obra com achados  
arqueológicos  
Ana M. Costa / M<sup>ª</sup>. Conceição Freitas / Vera Lopes / César Andrade / Jacinta Bugalhão /  
Pedro Barros
- 781 Análise preliminar dos padrões de localização das grutas com arqueologia  
do centro e Sul de Portugal  
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves / João Cascalheira

## 5. Proto-História

- 795 Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na bacia hidrográfica do rio Ave (Noroeste de Portugal)  
Hugo Aluai Sampaio
- 809 A necrópole da Idade do Bronze do Corvilho (Santo Tirso): novos dados para a sua contextualização cronológica  
Hugo Aluai Sampaio
- 819 Povoado de São Lourenço. Novos dados. Castro Daire, Viseu (CNS 5114)  
Vitor Manuel da Silva Dias
- 833 O enterramento da Idade do Bronze da Gruta das Redondas (Carvalhal de Aljubarrota): um contributo para o estudo do Bronze antigo na Estremadura atlântica  
João Carlos Senna-Martinez / Elsa Luís / Rita Matos / Pedro Valério / Maria de Fátima Araújo / João Tereso / Isabel Costeira
- 849 O sítio de fossas da Horta do Cabral 6. Contribuição para o conhecimento da Idade do Bronze na região do Torrão (Alcácer do Sal, Portugal)  
Henrique Matias / Marco António Andrade / Cláudia Costa / Hugo Aluai Sampaio / Inês Simão / António Monge Soares / Rui Monge Soares / Patrícia Monteiro
- 865 Estudo paleoetnobotânico do Crasto de Palheiros na Idade do Ferro – uma análise carpológica  
Margarida Isabel Leite / João Pedro Tereso / Maria de Jesus Sanches
- 877 A comparação como ferramenta de estudo de processos de representação e interacção: o caso de “Tartessos”  
Pedro Albuquerque
- 887 Produções cerâmicas de inspiração grega no vale do baixo Tejo  
Elisa de Sousa / João Pimenta
- 897 O metal de base cobre dos objectos de uso pessoal em sepulturas da I Idade do Ferro do Monte Bolor 1-2 (Beja)  
Pedro Valério / Maria Fátima Araújo / António M. Monge Soares / Rui Soares / Lídia Baptista
- 907 A Azougada (Moura) e o sistema metrológico da Idade do Ferro pós-orientalizante do baixo e médio Guadiana  
Ana Sofia Antunes
- 929 Os ossos trabalhados do Castro da Azougada (Moura, Portugal)  
Mariana Nabais / Rui Soares
- 943 Janelas abertas sobre a Idade do Ferro: os queimadores de Mesas do Castelinho (Almodôvar)  
Susana Estrela
- 955 O sítio arqueológico do Espigão das Ruivas (Cascais)  
José d’Encarnação / Guilherme Cardoso

## 6. Arte Rupestre

- 969 E depois do Côa? A investigação de arte rupestre em Portugal desde 1995. Parte 1: a Sul do Tejo  
Andrea Martins
- 991 Isto não é um afloramento! É uma rocha de arte rupestre. . . factores potenciais de escolha de superfícies de arte rupestre na fase antiga Paleolítica da Arte do Côa.  
António Batarda Fernandes

- 1003 A arte rupestre da Gruta do Escoural – novos dados analíticos sobre a pintura Paleolítica  
António C. Silva / Guilhem Mauran / Tânia Rosado / José Mirão / António Candeias / Carlos Carpetudo / Ana Teresa Caldeira
- 1021 A arte megalítica da Mamoa 1 do Taco (Albergaria-a-Velha, Aveiro).  
Novos resultados  
Lara Bacelar Alves / Pedro Sobral de Carvalho
- 1037 O Monte Faro – uma paisagem icónica da arte Atlântica Peninsular  
Lara Bacelar Alves / Mário Reis
- 1053 Gravuras rupestres do Noroeste Português para além das artes Atlântica e Esquemática  
Ana M. S. Bettencourt
- 1069 O conjunto de gravuras rupestres de Santo Adrião (Caminha, Portugal).  
Embarcações, armas, cavalos e ex-votos  
Manuel Santos-Estévez / Ana M. S. Bettencourt
- 1085 Uma abordagem “multi-proxy” aplicada à conservação do sítio de arte rupestre de Cobragança, Mação, Portugal  
Sara Garcês / Hugo Gomes / Vera Moleiro / Hugo Pires / Flávio Joaquim / Anabela Pereira / Luiz Oosterbeek

## 7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1099 O projecto de investigação sobre a ocupação humana em torno da Aldeia de Pegarinhos (Alijó) – em busca das origens da romanização do Douro  
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1109 O *corpus* dos mosaicos romanos do *conventus bracaravgvstanvs*  
Fátima Abraços / Licínia Wrench / Cátia Mourão / Filomena Limão / Jorge Tomás García
- 1123 Vestígios de transformação de produtos no concelho de Castelo de Vide (Portalegre, Portugal) – inseridos no povoamento rural romano  
Sílvia Monteiro Ricardo
- 1137 Novos dados sobre a ocupação de época Romana Republicana da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal): o espólio metálico  
Francisco B. Gomes
- 1149 Reflexões em torno da jazida arqueológica Torre Velha 1 e a sua relação com o espaço e dinâmicas ocupacionais envolventes  
Teresa Ricou Nunes da Ponte
- 1163 A ocupação Romana do Monte dos Toirais, Montemor-o-Novo. Um exemplo de arqueologia preventiva no contexto dos finais dos anos 90 (séc. XX)  
Jorge Vilhena / Carolina Grilo
- 1177 A actuação votiva dos grupos de origem servil no Sul da Lusitânia  
Sílvia Teixeira
- 1185 Ataegina uma Divindade Peninsular  
Cristina Lopes
- 1193 Espólio de cerâmicas finas romanas e separadores dos fornos do Morraçal da Ajuda (Peniche, Portugal)  
Eurico Sepúlveda / Guilherme Cardoso / Catarina Bolila / Severino Rodrigues / Inês Ribeiro
- 1205 As «marcas de oleiro» na *terra sigillata* de Vale de Tijolos (Almeirim) e as dinâmicas comerciais no *ager scallabitanvs* durante o principado  
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Henrique Mendes

- 1219 Evidências de um espaço funerário. Vestígios de uma necrópole romana às portas de Scallabis  
Carlos Boavida / Tânia Manuel Casimiro / Telmo Silva
- 1229 *¿Requiescat in pace?* Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na necrópole Noroeste de Olisipo  
Sílvia Casimiro / Francisca Alves Cardoso / Rodrigo Banha da Silva / Sandra Assis
- 1243 O espaço de necrópole Romana das Portas de Santo Antão, Lisboa  
Nelson Cabaço / Alexandre Sarrazola / Rodrigo Banha da Silva / Liliana Matias de Carvalho / Marina Lourenço
- 1255 Pintura mural na Travessa do Ferragial, Lisboa  
Raquel Henriques / António Valongo
- 1265 Aspetos construtivos do Teatro Romano de Lisboa: matérias-primas e técnicas edificativas  
Lídia Fernandes
- 1279 Um contexto cerâmico e vítreo da primeira metade do séc. III d.C. do Palácio dos Condes de Penafiel (Lisboa)  
Raquel Guimarães / Rodrigo Banha da Silva
- 1293 Contextos Romanos identificados na frente ribeirinha de Lisboa  
Helena Pinheiro / Raquel Santos / Paulo Rebelo
- 1305 As ânforas Romanas da nova sede da EDP (Lisboa)  
José Carlos Quaresma / Rodrigo Banha da Silva / José Bettencourt / Cristóvão Fonseca / Alexandre Sarrazola / Rui Carvalho
- 1317 As ânforas de tipo *la Orden* na Lusitânia meridional: primeira leitura, importância e significado  
Rui Roberto de Almeida / Carlos Fabião / Catarina Viegas
- 1331 Combustível para um forno: dinâmicas de ocupação de um espaço em Monte Mozinho (Penafiel) a partir de novos dados arqueobotânicos  
Filipe Costa Vaz / Luís Seabra / João Pedro Tereso / Teresa Pires de Carvalho
- 1347 A necrópole de Alcoitão no contexto das práticas funerárias alto-Medievais do concelho de Cascais  
Catarina Meira
- 1359 Paisagem e estratégias do povoamento rural Romano e Medieval no troço médio do vale do Guadiana  
João António Ferreira Marques
- 1379 Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica  
Virgílio Lopes

## 8. Época Medieval

- 1393 Evolução da estrutura urbana de Santarém entre os séculos VIII e XIII: uma análise macroscópica a partir da localização das necrópoles Islâmicas  
Marco Liberato / Helena Santos
- 1405 O povoamento rural Islâmico na *kura* de Alcácer do Sal: breve análise da toponímia  
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1417 Manifestações lúdicas na cerâmica do *gharb al-Andalus*  
Maria José Gonçalves / Susana Gómez Martínez / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes / Isabel Inácio / Marco Liberato / Constança dos Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco / Catarina Coelho

- 1431 Estuques decorados Islâmicos, do século XI, do castelo de Silves  
Rosa Varela Gomes
- 1443 O sistema defensivo Medieval de Tavira – elementos ocultos por entre o casario  
Jaquelina Covaneiro / Sandra Cavaco / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1455 A Porta de Almedina (Coimbra): observações no âmbito da recuperação  
de fachadas na Torre de Almedina  
Sara Oliveira Almeida
- 1469 A minha boca conta uma história: abrasão dentária e a sua relação com  
actividade e hábitos pessoais numa amostra Portuguesa de época Medieval/  
Moderna  
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1481 Estudo arqueobotânico do povoado alto-Medieval de S. Gens: perspetivas  
sobre a exploração de recursos lenhosos e agrícolas  
Cláudia Oliveira / Ana Jesus / Catarina Tente / João Pedro Tereso
- 1495 Adornos de cavalo da época Medieval, provenientes das escavações do Castelo  
de Almourol (1898)  
Maria Antónia Athayde Amaral
- 1513 As marcas de canteiro da Sé de Lisboa  
Sofia Silvério
- 1523 O comércio Medieval de cerâmicas importadas em Lisboa: o caso da Rua  
das Pedras Negras nº 21-28  
Filipe Oliveira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara Ferreira
- 1539 Construções em taipa de época Medieval e Moderna: o exemplo do Chiado  
Vanessa Mata / Nuno Neto / Paulo Rebelo
- 1551 Rua do Arsenal 148, Lisboa. Resultados da escavação arqueológica  
António Valongo
- 1567 Caracterização da ocupação Tardomedieval na Rua da Prata 221-231 e Rua  
dos Correiros 158-168, Lisboa  
Filipe Oliveira / João Miguez / Catarina Furtado / Cláudia Costa
- 1581 Breve apontamento sobre a Cerca (“velha”) Medieval de Lagos  
Ana Gonçalves / Elena Mórán / Ricardo Costeira da Silva
- 1595 Aveiro em Quatrocentos: evidências materiais de um período (ainda) pouco  
conhecido junto ao Mosteiro de Jesus (Aveiro, Portugal)  
Ricardo Costeira da Silva / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1611 Resultados da intervenção arqueológica realizada nos nºs 54 a 58a da Rua  
Direita, em Óbidos  
Helena Santos / Marco Liberato / Romão Ramos

### **9. Época Moderna e Contemporânea**

- 1627 A cozinha e a mesa a bordo da fragata Portuguesa Santo António de Taná  
(Mombaça, 1697): estudo de objectos metálicos e em madeira  
Inês Pinto Coelho / Patrícia Carvalho / André Teixeira
- 1641 Resultados preliminares da primeira campanha da missão arqueológica  
Portuguesa em Sharjah (EAU). Escavação arqueológica em Quelba/Kalba  
Mário Varela Gomes / Rosa Varela Gomes / Rui Carita / Kamyar Daryoush Kamyab
- 1657 Novos dados acerca das formas de pão-de-açúcar: o caso do estudo das formas  
descobertas na Rua Afonso de Albuquerque, Peniche (centro de Portugal)  
Adriano Constantino

- 1667 A ala nascente do claustro do Convento de Jesus de Setúbal: resultados da intervenção arqueológica de 2015/2016  
Nathalie Antunes-Ferreira / Maria João Cândido
- 1675 Os bens terrenos da Igreja da Misericórdia (Almada) – séculos (XVI-XVIII)  
Vanessa Dias / Tânia Manuel Casimiro / Joana Gonçalves
- 1691 Cerâmicas Quinhentistas vidradas de um poço Medieval da Praça da Figueira (Lisboa)  
Ana Isabel Barradas / Rodrigo Banha da Silva
- 1703 O sítio dos Lagares (Lisboa): um espaço pluricultu(r)al  
Mónica Ponce / Filipe Oliveira / Tiago Nunes / Marina Pinto / Marina Lourenço
- 1715 Uma olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) – séculos XV e XVI  
Guilherme Cardoso / Luísa Batalha / Paulo Rebelo / Miguel Rocha / Nuno Neto / Sara Brito
- 1731 Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa)  
Anabela Castro / Nuno Amaral de Paula / Joana Bento Torres / Tiago Curado / André Teixeira
- 1751 Os silos do Palácio de Santa Helena (Lisboa)  
Luísa Batalha / Nuno Neto / Pedro Peça / Sara Brito / Guilherme Cardoso
- 1767 Estruturas Pré-Pombalinas e espólio associado no Pátio José Pedreira (Rua do Recolhimento e Beco do Leão, freguesia Santa Maria Maior)  
Anabela Joaquinoto
- 1781 Policromias e padrões: azulejos “de aresta” e “de corda-seca” do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa (séculos XV-XVI)  
André Bargão / Sara Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1795 O contexto do poço do claustro SO do Hospital Real de Todos-os-Santos: os contentores para líquidos  
Rita Neves Silva / Rodrigo Banha da Silva
- 1809 A cerâmica Italiana dos séculos XV e XVI do Largo do Jogo da Bola em Carnide, Lisboa  
Catarina Felício / Filipe Sousa / Raquel Guimarães / André Gadanho
- 1821 Dos objectos inúteis, perdidos ou esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa)  
Carlos Boavida
- 1835 Uma lixeira nas Casas Nobres do Infantado  
Tânia Manuel Casimiro / António Valongo
- 1849 Os potes *martaban* provenientes da antiga Ribeira Velha, Lisboa  
Mariana Mateus / Inês Simão / Filipe Oliveira / Rita Souta
- 1863 Cerâmica Portuguesa azul sobre azul – séculos XVI e XVII  
Luís Filipe Vieira Ferreira / Isabel Ferreira Machado / Tânia Manuel Casimiro
- 1873 Portas de madeira reutilizadas em cofragens de época Pombalina (Campo das Cebolas, Lisboa)  
Cristóvão Fonseca / João Miguez / José Bettencourt / Teresa Quilhó / Inês Simão / Mariana Mateus / Teresa Freitas
- 1891 O conjunto de selos de chumbo proveniente do Campo das Cebolas, Lisboa  
Inês Simão / João Miguez
- 1901 Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas. Alguns dados sobre a evolução da frente ribeirinha de Lisboa  
Inês Simão / João Miguez / Marta Macedo / Teresa Alves de Freitas / Cristóvão Fonseca / José Bettencourt

- 1915 A dimensão marítima do Boqueirão do Duro (Santos, Lisboa) nos séculos XVIII e XIX: primeiros resultados arqueológicos  
Marta Lacasta Macedo / Inês Mendes da Silva / Gonçalo Correia Lopes / José Bettencourt
- 1925 Arqueotematologia Moderna/Contemporânea: práticas funerárias e cronologia relativa no adro da Igreja de Santa Maria dos Anjos, Valença  
Luís Miguel Marado / Luís Fontes / Francisco Andrade / Belisa Pereira
- 1933 Fragmentos do quotidiano no Terreiro do Real monumento de Mafra (1717-2017)  
Ana Catarina Sousa / Marta Miranda / Ricardo Russo / Cleia Detry / Tânia Manuel Casimiro
- 1953 O projecto Muge 1692: entre a arqueologia da arquitectura e a reconstrução virtual  
Gonçalo Lopes
- 1967 A flora arqueológica da Quinta do Medal (Mogadouro) e a exploração de recursos vegetais durante os séculos XVIII/XIX no Vale do Sabor  
Leonardo da Fonte / João Tereso / Paulo Dordio Gomes / Francisco Raimundo / Susana Carvalho
- 1979 Os vidros de Baía da Horta 1 (Ilha do Faial, Açores) enquanto vector de interpretação de um contexto disperso  
Tiago Silva / José Bettencourt
- 1993 Baía da Horta 6 (BH-006): um provável naufrágio Americano do século XIX  
José Bettencourt / Teresa Quilhó / Cristóvão Fonseca / Tiago Silva
- 2011 A ferro e fogo – a Fundação Vulcano & Collares, Lisboa  
João Luís Sequeira / Inês Mendes da Silva
- 2023 Projecto Casa Museu Fialho de Almeida, Cuba – valorização do território e arqueologia preventiva, resultados do acompanhamento arqueológico  
Francisca Bicho / Luís Fialho / Consuelo Gomes / Teresa Ricou

# Prefácio

Em 2013 a Associação dos Arqueólogos Portugueses celebrou os seus 150 anos de actividade com várias iniciativas, destinadas a diferentes tipos de público, as quais constituíram um importante marco na afirmação pública da vitalidade e do dinamismo desta centenária instituição. Entre essas iniciativas merece natural destaque o seu I Congresso, o qual veio preencher uma importante lacuna no calendário da actividade arqueológica em Portugal. Com efeito, desde 1980 que não se realizava nenhum Congresso Nacional de Arqueologia, apesar de se terem multiplicado, nos últimos 20 anos, as reuniões científicas de carácter regional ou temático, um pouco por todo o país.

O I Congresso, sem pretender ser “nacional”, acabou por o ser, devido ao amplo acolhimento que mereceu por parte dos arqueólogos de todo o país e de todas as áreas de actividade, congregando várias gerações, o qual se pode resumir nos 250 inscritos, nas 105 comunicações e 36 posters apresentados e discutidos, em três dias de intensa actividade, e na obra *Arqueologia em Portugal 150 anos*, com mais de 1500 páginas, oportunamente publicada, em versão “analógico-digital”, que se encontra completamente esgotada.

Passados quatro anos, a AAP decidiu convocar de novo a comunidade arqueológica para apresentar os resultados da sua actividade mais recente. Mais uma vez, a adesão foi excelente, com 153 participações, correspondendo a 110 comunicações e 43 posters, que deram origem ao volume que agora se apresenta, o qual, além do programa e dos resumos, inclui em anexo um cartão-pen com cerca de 2100 páginas.

A qualidade e diversidade dos textos apresentados mostram bem que, apesar do enorme retrocesso que se tem verificado, desde 2007, no domínio do enquadramento institucional da Arqueologia, no âmbito do Ministério da Cultura (com a sucessiva extinção do IPA e o desinvestimento e dispersão dos seus serviços mais inovadores e emblemáticos, por instalações inadequadas, a despromoção e desmotivação dos seus escassos quadros técnico-científicos), os arqueólogos portugueses continuam a demonstrar uma notável resiliência, lutando, em terra e no mar, por vezes em condições extremamente difíceis, por aquilo em que acreditam, produzindo trabalhos de investigação de grande nível internacional, nas mais variadas áreas da Arqueologia. Podem, assim, continuar a contar com o apoio da AAP na defesa dos seus legítimos interesses e aspirações, alertando a opinião pública e as entidades responsáveis pela salvaguarda e valorização de um património que a todos pertence, sempre que for necessário.

A publicação em tempo útil desta obra, que teve o apoio financeiro da Fundação Millennium BCP, não teria sido possível sem o cumprimento rigoroso das normas e prazos de publicação pela maior parte dos autores, e sem a dedicação de um pequeno grupo de sócios e colaboradores, coordenados por Andrea Martins, e o profissionalismo e a criatividade do designer Paulo Freitas. Para todos o nosso sincero agradecimento.

José Morais Arnaud

(Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses)



# ANTA DA CASA DA MOURA: UM MONUMENTO MEGALÍTICO NO MACIÇO CALCÁRIO DE SICÓ

Fernando Silva, António Monteiro<sup>1</sup>, Gertrudes Branco<sup>2</sup>, Leonor Rocha<sup>3</sup>

## RESUMO

A anta da Casa da Moura é um dos escassos monumentos megalíticos registados no concelho de Soure. Descoberto no início dos anos noventa seria objecto de três campanhas de escavação efectuadas com o objectivo de contribuir para o conhecimento cronológico e cultural das práticas funerárias megalíticas no Maciço Calcário de Sicó (Serra do Rabaçal).

Os dados compilados apontam para a existência de um monumento de planta poligonal alongada de corredor curto, com os esteios calcários fincados no substrato margoso, com indícios pouco significativos de mamoa. O espólio, em quantidade significativa, todavia escasso em exemplares cerâmicos e líticos, apresenta uma variedade relevante de restos osteológicos humanos.

**Palavras-chave:** Megalitismo, Maciço Calcário de Sicó.

## ABSTRACT

Casa da Moura is one of the few megalithic monuments registered in the municipality of Soure. In this monument were carried out three campaigns of archaeological excavation with the aim of contributing to the chronological and cultural knowledge of the megalithic funerary practices in the Maciço Calcário de Sicó (Serra do Rabaçal).

The data compiled point to the existence of a monument with an elongated polygonal plan and short corridor, with the limestone lages planted in the marly substrate. There were scarce vestiges of the tumulus. The collected archaeological remains are scarce in ceramic and lithic fragments, however, it presents a relevant variety of human osteological remains.

**Keywords:** Megalithism, Portugal, Maciço Calcário de Sicó.

## 1. INTRODUÇÃO

A anta da Casa da Moura teve três intervenções arqueológicas (Setembro 2001, 2002 e 2003) desenvolvidas sob a responsabilidade científica dos arqueólogos Fernando Pereira da Silva† e António Nunes Monteiro. Estas intervenções inseriram-se num projecto de investigação, enquadrado institucionalmente por um Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos (PNTA), com a designação: “*Estudo e Valorização da Anta da Casa da Moura*” (EVACM).

Os trabalhos contaram com o apoio da Câmara Mu-

nicipal de Soure (financeiro), da Câmara Municipal de Penela (logístico), da população de Pombalinho (p. ex. no corte da vegetação), e com a participação de diversas pessoas e instituições, desde logo, a estudante de antropologia da Universidade de Granada, Olalla Costas.

O projecto de investigação tinha como objectivo o estudo científico deste monumento megalítico e a sua posterior musealização. Infelizmente, o precoce falecimento do Dr. Fernando Silva não permitiu a conclusão dos trabalhos de escavação e o posterior estudo e publicação dos resultados.

1. ajoao.monteiro@gmail.com

2. CHAIA/UE; gertrudes.branco@gmail.com

3. Universidade de Évora / Escola de Ciências Sociais. Investigadora do CEAACP; Improcha@gmail.com

A importância do monumento megalítico da Anta da Casa da Moura, descrita pelos autores (Silva & Monteiro, 2002: 3), como: “*uma das raras sepulturas megalíticas reconhecidas para o concelho de Soure*”, justificou a união dos signatários em torno deste artigo, como forma de homenagem ao arqueólogo (e colega) Fernando Pereira da Silva, acreditando que este constituirá um relevante contributo para a continuidade do estudo do megalitismo na região centro do país, ao qual Fernando Silva dedicou a maior parte do seu percurso de investigador.

## 2. ENQUADRAMENTO

A contextualização do sítio arqueológico da Anta da Casa da Moura, enquanto ocorrência patrimonial com representação cartográfica na paisagem contemporânea, teve por base as unidades territoriais definidas por Alexandre Cancela d’Abreu, em colaboração com Teresa Pinto Correia e Rosário Oliveira – *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal continental* – publicada pela Direcção Geral de Ordenamento do Território e do Urbanismo, em 2004.

Esta obra identifica 128 unidades de paisagem em Portugal Continental agrupando-as em 22 grupos “*semelhantes em relação a um conjunto de características físicas, sobretudo, mas também com traços comuns quanto à ocupação humana*” (Correia, Cancela d’Abreu e Oliveira, 2001: 203)

A metodologia utilizada na identificação das unidades de paisagem considera os pressupostos adoptados em alguns países europeus e encontra-se magistralmente explicada nas publicações dos autores (*idem: ibidem*) pelo que referir-nos-emos apenas a alguns dos aspectos que fundamentaram a nossa opção pelo resultado do seu trabalho.

As unidades territoriais caracterizadas procuram ser holísticas e representativas de várias componentes: “*a ecológica, relativa à parte física e biológica dos ecossistemas; a cultural, onde tanto os fatores históricos como as questões de identidade e as qualidades narrativas da paisagem são consideradas; a socioeconómica, referindo-se aos fatores sociais e às atividades económicas, assim como as respetivas regulamentações, condicionadoras da ação humana que permanentemente constrói e transforma a paisagem; e finalmente a sensorial, ligada às impressões causadas pela paisagem*” (*idem: ibidem*).

Neste contexto, a Anta da Casa da Moura localiza-se geograficamente no interior do Grupo K, correspondente aos “*Maçços Calcários da Estremadura*”, dentro dos limites da Unidade de Paisagem “*Maçço Calcário Coimbra-Tomar*” (Figura 1).

A identidade da Unidade de Paisagem “*Maçço Calcário Coimbra-Tomar*” caracteriza-se morfológicamente pela presença de calcários imponentes, “*secos e descarnados*”, que se distinguem claramente da paisagem envolvente. Entre os relevos predominantes destacam-se as serras de Sicó (ou serra de Ansião), a do Rabaçal e a de Alvaiázere.

A Anta da Casa da Moura localiza-se no Maçço de Sicó, numa posição fronteira entre a serra do Rabaçal (norte), a serra de Sicó (sul) e o vale, estruturado pelo curso do Rio de Mouros, afluente da Bacia Hidrográfica do Rio Mondego (Figura 2).

Lúcio Cunha (2003: 1) descreve o Maçço de Sicó como um dos principais maços calcários carsificados da Orla Mesocenozóica Ocidental Portuguesa. Os seus processos de carsificação são “*responsáveis por paisagens sui generis, em que a rocha nua, perfurada e lavrada em espectaculares campos de lapíás, as vertentes íngremes e pedregosas, associadas a profundos canhões fluvio cárnicos ou a falhas recentes, e a depressões fechadas*” são uma marca característica. Neste maço, a vegetação autóctone é rasteira e pouco densa. Nas pequenas manchas florestais, as árvores, em regra pinheiro e eucalipto, surgem frequentemente cobertas de musgos e fetos, mercê de uma forte influência atlântica. Estas características do coberto vegetal são uma das consequências da magreza e da descontinuidade espacial dos solos, assim como da falta de água generalizada, que se escoam por entre as grutas, exsurgências e dolinas.

Na região pratica-se “*uma magra agricultura de sequeiro no fundo das dolinas, doutras depressões cárnicas e dos vales secos [esta] implica sempre um árduo trabalho de despedrega de que os muros de pedra solta ou simples amontoados de pedra (os “moroços”) são testemunhos inseridos na paisagem*” (*ibidem*: 2). O pastoreio faz-se tradicionalmente nas áreas mais agrestes da serra, onde o gado ovino beneficia das pastagens naturais e onde proliferam os pequenos abrigos de pastor.

É neste espaço de fronteira, entre o vale agrícola e a serra, seca e “nua”, aproveitada, essencialmente, para a prática da pastorícia que se localiza a Anta da Casa da Moura (Figura 2).

### 3. ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA

As acções de escavação foram antecedidas da remoção integral, por meios mecânicos (ceifadora) e manuais, de toda a vegetação herbácea e arbustiva, após a qual, o monumento foi inserido numa malha quadrangular virtual, composta por 12 metros de lado, subdivididos em 36 quadriculas de 2x2m. Ao eixo das abcissas (X) foram atribuídas letras de A a F, e ao eixo das ordenadas (Y) a numeração de 1 a 6 (Figura 3).

O posicionamento da quadrícula virtual foi obtido “a partir da marcação de dois eixos ortogonais, orientados pelos pontos cardiais” (Silva & Monteiro, 2002: 6), segundo um ponto central, inserido no espaço da câmara megalítica, procurando abarcar toda a extensão do *tumulus*, que à data se encontrava topograficamente imperceptível.

Todos os sedimentos, obtidos por decapagem fina, foram peneirados, em crivo de malha fina. Os materiais recolhidos foram inventariados, e registados em fichas elaboradas para o efeito.

Os autores referem ainda que: “todas as acções foram devidamente registadas em película fotográfica colorida e em diapositivos também coloridos” (Silva & Monteiro, 2002: 8).

#### 3.1. Campanha 1 (01)

Os trabalhos de escavação decorreram entre 3 e 14 de Setembro de 2001 tendo-se iniciado com a decapagem dos sedimentos húmidos superficiais, na área das sanjas previamente marcadas (Figura 3).

Durante esta campanha, a escavação não ultrapassou os níveis superficiais (cerca de 0,30cm). Os sedimentos eram compostos por argilas extremamente endurecidas, mas bastante afectados pelo plantio recente de eucaliptos. Como referido no respectivo relatório: “na área da câmara megalítica não se interveio pelo facto de se tratar do único espaço não afectado pela “eucaliptização”, embora fossem evidentes os vestígios de violação (existência de fragmentos ósseos humanos entre os interstícios dos esteios)” (Silva & Monteiro, 2002:7).

Sobre os aspectos metodológicos desta campanha, os autores esclarecem: “(...) em caso algum, se tomaram cotas dos materiais arqueológicos dado que os mesmos foram recolhidos nos níveis remexidos para o plantio de eucalipto (...)” (*ibidem*)

Como síntese desta campanha de escavação, importa relevar:

- O aspecto inicial do monumento era o de um conjunto de lajes calcárias (Figura 4), “*dispostas em polígono irregular, de abertura voltada a nascente*”; (*ibidem*: 8)
- A sanja norte (quadrados D3; E3 e F3) encostava-se ao esteio lateral direito, que define a câmara funerária por norte. A sua escavação não revelou qualquer vestígio de contraforte ou espólio arqueológico;
- A sanja oeste (quadrados C4; C5 e C6) encostava-se ao esteio lateral esquerdo, que se apoia na laje de cabeceira, pelo lado sul. A sua escavação revelou uma área remexida, com vestígios da possível contrafortagem do esteio da câmara megalítica, tendo sido recolhido algum material arqueológico;
- A sanja leste (quadrados D1; D2; D3) materializa-se defronte da laje de cabeceira. A sua escavação revelou a existência de um aglomerado de blocos de calcário, soltos e desconexos, entre sedimentos de coloração escura, “ricos” em materiais arqueológicos, com evidentes indícios de revolvimentos.

Com base nos resultados obtidos, no decurso da escavação da sanja leste, os investigadores colocam a hipótese do aglomerado de blocos “apontar para uma presença vestigial do contraforte, neste ponto da sepultura [defronte da laje de cabeceira], a qual, de acordo com os dados já disponíveis, não custa acreditar que se tratará de uma sepultura de corredor, a que faltarão, eventualmente, os esteios do mesmo” (*ibidem*: 11).

Neste contexto interpretativo os sedimentos escuros, “ricos” em materiais arqueológicos, pertenceriam ao “percurso” interno do corredor, que culminaria numa câmara megalítica, a qual apresenta uma grande laje de cabeceira, voltada a nascente, a partir da qual se dispõem os restantes esteios, que definem um espaço poligonal alongado.

#### 3.2. Campanha 2 (02)

Os trabalhos de escavação decorreram entre 4 e 14 de Setembro de 2002. Após os trabalhos iniciais de limpeza e reposição da malha quadriculada, procedeu-se à continuidade dos trabalhos de escavação, segundo a metodologia inicialmente definida, nomeadamente, decapagem fina dos sedimentos pela ordem inversa à da sua deposição.

No decurso desta campanha, e sempre sublinhando a resistência das margas calcárias ao percurso da

escavação, procederam à execução dos seguintes trabalhos:

- Na sanja leste deu-se continuidade aos trabalhos de escavação com alargamento à quadrícula D4, a qual corresponde à área junto da laje de cabeceira, onde são evidentes os vestígios de “violação”;
- Na sanja oeste as acções de escavação concentram-se nas quadrículas C3, C4 e C5, que correspondem, respectivamente, à quadrícula no centro da câmara, que abrange os sedimentos junto da laje de cobertura, e ao espaço junto do esteio esquerdo da laje de cabeceira.

Os trabalhos realizados no decurso desta segunda campanha confirmaram, na sanja leste, “*o que poderíamos designar de “violação acentuada”, mas que tem a ver directamente, com a utilização de maquinaria para a ordenação das surribas do plantio do eucalipto*” (Silva & Monteiro, 2002: 7), a qual provocou danos irrecuperáveis no monumento.

Se na campanha anterior (2001) se antevia a existência de um corredor, pela constatação de um estrangulamento, no substrato geológico, que limitava o acesso ao interior da câmara funerária, assim como pela presença de intrusões de terras escuras, que sugeriam a existência de negativos de valas de colocação de lajes, a segunda campanha (2002) mostrou a existência, de pelo menos duas lajes em calcário “*violentamente desbastadas na sua superfície distal, sobrepostas e alinhadas pelo esteio lateral direito da sepultura, sugerindo que deste lado se prolongaria a câmara funerária*” (*ibidem*: 9), que confirmam a existência de um corredor, aparentemente descentralizado em relação ao eixo cardinal da câmara megalítica.

Sobre a escavação das quadrículas D3 e D4 (sanja leste) importa referir que os vestígios de violação aparentavam concentrar-se junto ao primeiro esteio lateral direito e junto da face interna da laje de cabeceira. O centro da câmara não aparentava sinais de violação, pelo menos, em época recente.

Na sanja oeste continuou-se a escavação das quadrículas C4 e C5, ao nível da unidade estratigráfica [UEo2], e iniciou-se a escavação da quadrícula C3 [UEo1], delimitada, sensivelmente, a leste pela laje de cobertura aí tombada obliquamente.

O grosso do material arqueológico surge nos sedimentos de cor castanho-escuro, terroso e compactado, entre os blocos líticos acumulados junto das faces interna e externa dos esteios e, parcialmente, da laje de cobertura.

Na [UEo1] da quadrícula C3 foram recolhidos alguns materiais arqueológicos, nomeadamente, fragmentos ósseos, alguns dentes humanos e uma ponta “tipo Palmela”, muito bem conservada, a qual é referida como tendo dado entrada no Museu Monográfico de Conímbriga para limpeza e conservação. Esta peça é entendida pelos autores como tendo “*sido “projectada” para o espaço cameral e integrada nos sedimentos superficiais, no decurso dos revolvimentos verificados junto das faces internas dos esteios e que (...) se terão devido a intrusões animais*” (*ibidem*: 14).

Sobre esta campanha de escavação importa sublinhar as suposições dos investigadores que, perante as características da camada de argila, que aparenta ter selado todo o enchimento da câmara funerária, referem que “*se deverá tratar de uma camada de deposição antrópica, intencional, com o objectivo de selar o/ou os conjuntos funerários aí depositados*” (*ibidem*: 16).

### 3.3. Campanha 3 (o3)

Contrariamente ao sucedido para as duas primeiras campanhas de escavação, documentadas a partir dos relatórios de progresso, a terceira campanha de escavação, apenas se encontra documentada pelo “Diário de Campo” referente aos trabalhos desenvolvidos entre 1 e 4 de Setembro de 2003.

Como nota introdutora, sublinhada como importante, é referido pelos investigadores que “*falta efectuar o levantamento topográfico do sítio, perfis estratigráficos e planta da sepultura ao nível do solo*”. O “Diário de Campo” regista como acções desenvolvidas, após os regulares trabalhos de limpeza e reafirmação das marcações de campo:

- Sanja sul: marcação de uma quadrícula (B3) para definição do limite sul do espaço sepulcral. Na decapagem da camada superficial foi recolhido espólio arqueológico;
- Sanja leste (quadrículas D1, D2 e D4) continuidade dos trabalhos de escavação junto do esteio de cabeceira com recolha de mobiliário funerário, nos sedimentos terrosos da violação (Figura 5);
- Sanja leste (quadrícula D3 e D4), divisão da metade oeste da quadrícula D3 (a, d) e na metade este da quadrícula D4 (c, b), em quadrados de 1 metro por 1 metro; a escavação desta área revelou apenas alguns fragmentos cerâmicos;
- Sanja oeste (quadrícula C4) continuidade dos

trabalhos de escavação, junto ao esteio lateral esquerdo, com recolha de mobiliário funerário, nos sedimentos terrosos da violação. Divisão desta quadrícula, em quadrados de 1 metro por 1 metro, com decapagem do quadrante C4c;

- Sanja oeste (quadrícula C3) divisão desta quadrícula, em quadrados de 1 metro por 1 metro, designados segundo os ponteiros do relógio: a, b, c, d. A decapagem da [UE2] da quadrícula C3a e C3c revelou-se arqueologicamente estéril.

#### 4. ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

Na 1.<sup>a</sup> campanha foram identificadas 534 peças correspondendo 81,84% a fragmentos ósseos humanos (excluindo dentes), 11,99% a fragmentos cerâmicos e 3,56% a líticos, maioritariamente, lascas e restos de talhe.

Na 2.<sup>a</sup> campanha todo o material recolhido foi recuperado nos sedimentos provenientes das “violações”, ou seja, nos sedimentos castanhos-escuros e soltos, da área da câmara e, principalmente, junto dos esteios.

Constatou-se que na distribuição dos materiais arqueológicos, estes ocorrem principalmente no interior ou nas proximidades da câmara megalítica em detrimento da quantidade recolhida na periferia/ exterior da mesma.

Encontram-se inventariados, em anexo ao relatório, 2590 peças arqueológicas. Em termos percentuais 91,2% correspondem a fragmentos de ossos humanos, referidos como “*material em estudo na Universidade de Granada*”, 4,2% fragmentos cerâmicos; 2,9% dentes; 1,7% peças líticas e 0,1% peças metálicas. As peças metálicas correspondem a uma ponta “tipo” Palmela, recolhida na camada superficial [UEo1] da quadrícula C3 e a uns fragmentos de ferro que, pela sua dimensão e mau estado de conservação, não é possível atribuir categoria específica.

O inventário das peças arqueológicas, relativas à 3.<sup>a</sup> campanha de escavação, é composto por 2243 referências. Destas, 88% correspondem a ossos, 6,2% fragmentos cerâmicos, 3,5% dentes, 2,1% líticos e 0,1% metal (uns fragmentos de ferro que pela sua dimensão e mau estado de conservação, não é possível atribuir categoria específica).

Na análise global do espólio pré-histórico recolhido, uma vez que se encontram presentes materiais de outras cronologias (provavelmente do período romano e época moderna), realça-se, pela sua quali-

dade as pontas de seta, algumas integralmente retocadas, (Figura 6) os geométricos (estando presentes os três tipos), um lagomorfo em pedra verde e a variedade, também em termos de matéria-prima, das contas de colar (Figura 7).

Curiosamente, este conjunto lítico não aparece acompanhado por um conjunto cerâmico de qualidade. Na realidade, os fragmentos de cerâmica existentes apresentam, maioritariamente pastas com muito pouca qualidade, com abundantes e.n.p e muito porosas.

#### 5. INTERPRETAÇÃO

Os investigadores referem (Silva & Monteiro, 2002: 3): “*a Anta da Casa da Moura constitui o “único” monumento megalítico do concelho de Soure – Matção de Sicó (Serra do Rabaçal)*”. Contudo, tanto quanto puderam observar, e de acordo com informações orais recolhidas, existiriam outros monumentos megalíticos, nas imediações da Anta da Casa da Moura.

No relatório da Campanha 1 (01), os autores apresentam uma fotografia (*ibidem*: imagem 1), ilustrando um amontoado de lajes de calcário de grande dimensão, referindo poder tratar-se de um exemplo de uma sepultura megalítica, destruída no decurso de trabalhos de reflorestação de eucaliptos, atribuindo-lhe, inclusivamente, a designação de Casa da Moura 2.

Esta hipótese é sustentada pelos autores que referem (*ibidem*: 3): “*só nas imediações daquela anta, na área do microtopónimo Mata, identificamos vários amontoados de lajes calcárias e respectivos morouços, também de calcário, que nos leva a acreditar na informação oral recolhida*”, ou seja, nas imediações da Anta da Casa da Moura existiriam outros monumentos megalíticos.

Contudo, o facto da investigação se encontrar numa fase preliminar, aquando da sua abrupta interrupção, e o subsequente desenvolvimento de raras acções de prospecção de campo, deixou por confirmar as informações orais e documentais recolhidas.

As circunstâncias que envolvem a descoberta e escavação deste monumento condicionam a existência de dados arqueológicos seguros que fundamentam interpretações inequívocas. Contudo, sobressai desde logo, pela relativa proximidade geográfica, a existência de possíveis paralelos com os monumentos estudados pela equipa da Professora Ana Bettencourt no

maciço calcário das serras da Boa Viagem e das Alhadas, nomeadamente com o monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos, Cruz *et al.* (2014).

A descrição feita por estes autores, ao realçarem a implantação geográfica do Cabeço dos Moinhos aproxima-se significativamente da que constatámos na Anta da Casa da Moura: “*Este terá constituído um ponto notável na paisagem com grande abrangência visual sobre a planura litoral da Gândara (a norte), o espaço do Baixo Mondego (a sul) e a serra da Boa Viagem para nascente. Para oeste a visibilidade seria bem mais reduzida tendo em atenção que aí, a linha de cumeeada atinge cotas mais elevadas.*” (*ibidem*:11) Trata-se, no nosso entender, de um monumento, igualmente, localizado numa posição limite entre o vale e a serra.

Ainda que, lamentavelmente, não possuamos a planta do Anta da Casa da Moura, trata-se, à semelhança da Cabeço dos Moinhos, de um monumento de câmara e corredor curto, onde foram identificados restos de ossos humanos, num ritual de inumação, que para além das inúmeras especificidades, sobressaem a simultaneidade dos micrólitos geométricos, das pontas de seta e das contas de colar.

Ambos os monumentos aparentam uma reutilização tardia, patente do monumento do Cabeço dos Moinhos na taça de “tipo Palmela” e na Anta da Casa da Moura, num exemplar de ponta de seta de “tipo Palmela”, recolhida na camada superficial [UEo1] da quadrícula C3, curiosamente, aquela onde foram recolhidos um maior número de restos ósseos humanos.

O nosso objectivo, na elaboração deste artigo, foi, como anteriormente afirmámos, não deixar inéditos os dados preliminares da escavação. No final este trabalho veio a revelar-se um desafio maior ao qual não conseguimos responder em tempo útil para esta publicação.

Para além do estudo do espólio arqueológico desenvolvem-se actualmente outros estudos mais específicos, nomeadamente a nível da antropologia biológica e do estudo de matérias-primas e/ou usos de alguns materiais, com o apoio da Universidade de Évora, prevendo-se a sua posterior publicação. Pondera-se, igualmente, a realização de datações absolutas, a partir da análise dos restos ósseos, importantes para a atribuição cronológica da utilização deste monumento.

Naturalmente, esperemos que os dados obtidos, nos permitam fundamentar um melhor enquadra-

mento deste monumento no seu contexto local e regional, desenvolvendo hipóteses que, por agora, não passam de meras linhas de pensamento.

## BIBLIOGRAFIA

CASTRO, Luís A. e CASTRO, Helena M. A. (1966) – Monumento Megalítico da Feteira. In: *Lucerna*. Actas do IV colóquio Português de Arqueologia, Vol. V, Porto.

CASTRO, Luís A. e FERREIRA, Octávio da Veiga (1969-70) – Monumento Megalítico da Feteira (Pombal). In: *Caesar Augusta*, nº 33-34. Zaragoza.

CORREIA, T. Pinto; CANCELA D’ABREU, A. e OLIVEIRA, R. (2001) – Identificação de Unidades de Paisagem: metodologia aplicada a Portugal Continental. *Finisterra: Regista Portuguesa de Geografia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. XXXVI, n.º 72, pp. 195-2006.

CRUZ, Carlos; BETTENCOURT, Ana.; CALLAPEZ, P.M.; SILVA, L.M.C.; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2014) – Materiais de construção e materiais líticos nas práticas funerárias neolíticas da serra da Boa Viagem (Centro-Oeste de Portugal). O caso do monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos, Figueira da Foz. In: A.M.S. Bettencourt, B. Comendador Rey, H.A. Sampaio, E. Sá (eds.) – *Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*. Braga: APEQ, CITCEM, pp. 9-32

CRUZ, Carlos; BETTENCOURT, Ana.; COMENDADOR REY, Beatriz; RODRIGUES, A. (2014) – Achados metálicos do Vouga e do Baixo Mondego (Centro de Portugal): contributos para a sua contextualização e interpretação. In: A.M.S. Bettencourt, B. Comendador Rey, H. A. Sampaio, E. Sá (eds.) - *Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*. Braga: APEQ, CITCEM, pp. 143-155.

CUNHA, Lúcio (2003) – Maciço de Sicó. Valorização dos recursos naturais e criação de emprego a nível local. In: CAETANO, Lucília (coord.) – *Territórios, do global ao local e trajetórias de desenvolvimento*. CEGC, Coimbra, pp. 185-198.

CUNHA, Lúcio; VIEIRA, António (2004) – Geomorfologia, património e actividades de lazer em espaços de montanha. Exemplos no Portugal Central, Trabalho apresentado em III Seminário Latinoamericano de Geografia Física. In: *Actas do III Seminário Latinoamericano de Geografia Física*. Puerto Vallarta.

LOURENÇO, Luciano (1991) – Contribuição dos incêndios florestais para o desequilíbrio ecológico do concelho de Soure. In: *Cadernos de Geografia*, nº 10 Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

MONTEIRO, A. Nunes (1996) – Dordias (Pombalinho – Soure): Uma Estação Romana no Território da Ladeia. *Revista Portuguesa de História*. Tomo XXXI, Vol. I, pp. 77-98.

SILVA, Fernando A. Pereira da e MONTEIRO, António Nunes (2002) – *Estudo e Valorização da Anta da Casa da Moura (Campanha 01)*. Relatório Técnico-Científico. Texto Policopiado. 16 p.

SILVA, Fernando A. Pereira da e MONTEIRO, António Nunes (2002) – *Estudo e Valorização da Anta da Casa da Moura (Campanha 02)*. Relatório Técnico-Científico. Texto Policopiado. 19 p.

SILVA, Fernando A. Pereira da e MONTEIRO, António Nunes (2003) – *Estudo e Valorização da Anta da Casa da Moura (Campanha 03)*. Anexo: inventário geral dos materiais arqueológicos. Texto Policopiado. 42 p.

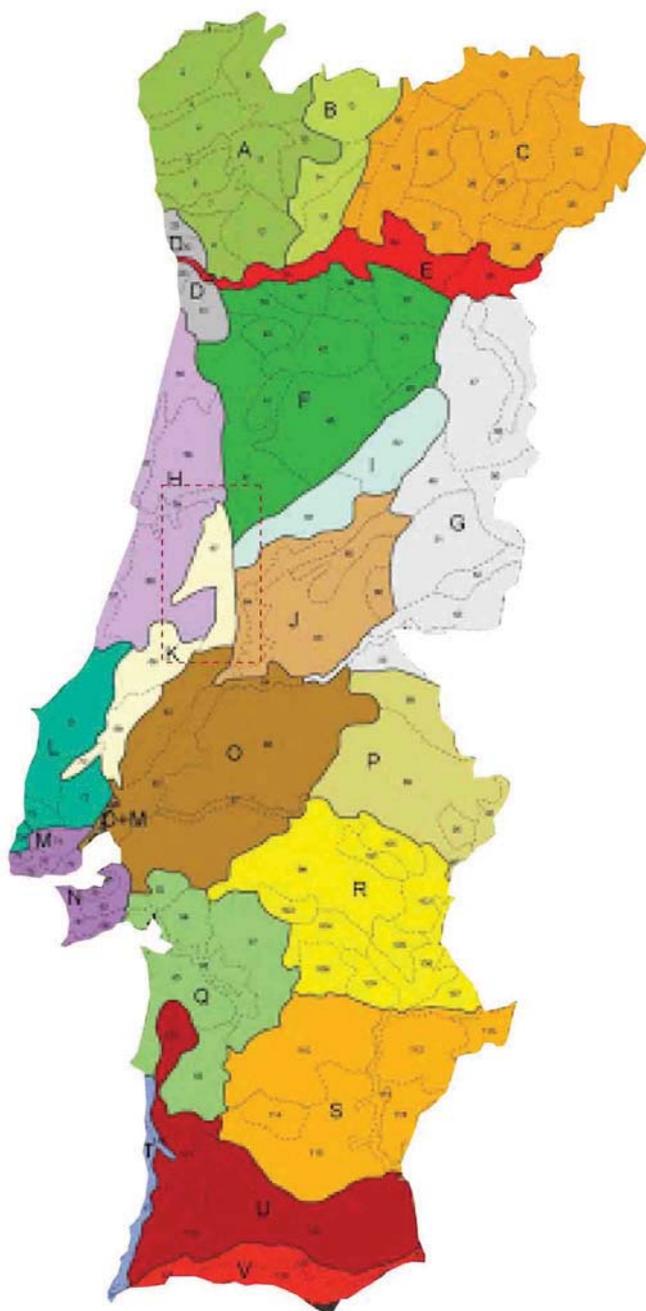


Figura 1 – Unidades e Grupos de Unidades de Paisagem de Portugal Continental, com localização da Unidade de Paisagem “Maciço Calcário Coimbra-Tomar” (Cancela d’Abreu, Correia e Oliveira: 2004).



Figura 2 – Limites da Unidade de Paisagem “Maciço Calcário Coimbra-Tomar”, de acordo com os limites estabelecidos por Cancela d’Abreu, Correia e Oliveira (2004).

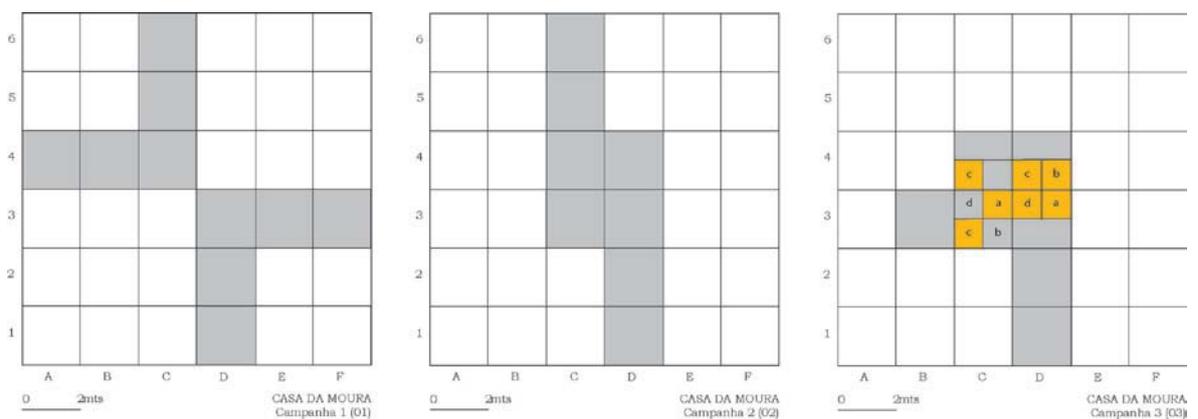


Figura 3 – Quadrículas de escavação, segundo os autores (Silva & Monteiro, 2002).



Figura 4 – Aspecto do monumento, no início da escavação.



Figura 5 – Vista da escavação da quadrícula D1.



Figura 6 – Conjunto de pontas de seta identificadas.



Figura 7 – Conjunto de contas de colar.